

RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE BRASIL E O CARIBE: O CASO DOS IMIGRANTES HAITIANOS¹

HISTORICAL RELATIONS BETWEEN BRAZIL AND THE CARIBBEAN:

THE CASE OF HAITIAN IMMIGRANTS

Katia Cilene do Couto

Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as relações históricas entre a Amazônia e o Caribe tendo como ponto de análise o processo migratório de trabalhadores Brasil. O fluxo imigratório dos haitianos para a região amazônica foi iniciado em 2010 após a ocorrência de um terremoto que dizimou mais de duzentas mil pessoas. Neste trabalho pretendemos analisar os aspectos que apontam para as trajetórias migratórias que unem o Caribe e a grande Amazônia, que são pouco recorrentes na historiografia.

Palavras-chave: Brasil. Caribe. Migração. Haitianos.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo presentar las relaciones históricas entre la Amazonia y el Caribe como punto de analise del processo migratório de trabajadores barbadianos en el siglo XX y más recentemente de trabajadores haitianos para la región norte de Brasil. El flujo imigratório de los haitianos para la región amazônica empezó en 2010 despues del terremoto que vitimo más de duscientas mil personas. En este trabajo pretendemos analizar los aspectos que apuntan para las trajetórias migratórias que unem el Caribe y la gran Amazonia, que son poco recorrentes en la historiografia.

Palabras-clave: Brasil. Caribe. Migración. Haitianos.

1 Participaram desta pesquisa os grupos de pesquisa: Grupo de Estudos Migrações e Africanidades Caribenhas e Latino-Americanas (GEMACLA) e Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia (Gema).

Abstract

The present work has as objective to present the historical relations between the Amazon and the Caribbean having as a point of analysis the migratory process of Brazil workers. The immigration flow of Haitians to the Amazon region was initiated in 2010 following the occurrence of an earthquake that decimated more than two hundred thousand people. In this work we intend to analyze the aspects that point to the migratory trajectories that unite the Caribbean and the great Amazon, that are little recurrent in the historiography.

Keywords: Brazil. Caribbean. Migration. Haitians.

Introdução

A perspectiva das migrações ganhou relevância no contexto recente da região norte, especialmente, nas tríplexes fronteiras na região amazônica do Brasil com a Colômbia, Venezuela e Perú. Diante desta perspectiva, a chegada de haitianos na região amazônica no ano de 2010 chamou a atenção dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das migrações, por sua peculiaridade, uma vez que o Brasil não era o destino preferencial desses imigrantes, que antes se dirigiam principalmente para República Dominicana, Estados Unidos e Canadá.

A imigração de haitianos para o Brasil provocou mudanças na política migratória brasileira, possibilitou a elaboração de um novo projeto de Lei para imigrantes, que foi discutido em reuniões com diversos segmentos da sociedade e entidades ligadas a imigrantes, dando origem à COMIGRAR (1º Conferência Nacional sobre Migração e Refúgio) realizada em São Paulo de 30 de maio a 1º de junho, onde discutiu-se sobre a necessidade da criação de um novo projeto de Lei. Este foi elaborado buscando imprimir um novo olhar sobre as pessoas que chegam ao Brasil, sendo pautado pelas prerrogativas dos Direitos Humanos e não mais na criminalização. A nova Lei nº 13445, entrou em vigor em 24 de maio de 2017, no artigo 3, da sessão 2, apresenta entre outros princípios e garantias, a universalidade, indivisibilidade e interdependência dos Direitos Humanos; repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação.

O Caribe e a Amazônia

A migração é um aspecto importante para se entender como o Caribe e a Amazônia tem estabelecido suas relações. Consequentemente em meio às relações comerciais, o trânsito de pessoas, presumia também o trânsito de ideias que possibilitava o intercuro entre diferentes culturas desde os tempos coloniais.

A presença dos imigrantes haitianos que tem chegado a Manaus nos permite pensar as trajetórias históricas entre a região amazônica e caribenha, pois faz parte de um contexto histórico de relações que se apresentam desde os primórdios da colonização. Gerard Pierre Charles, sociólogo e ativista político haitiano, ressalta em seu livro *El Caribe y America Latina* a importância do Caribe no desenvolvimento do continente, “el Caribe como conjunto regional há ejercido historicamente una influencia notable en la evolución del continente” (1980, p.13). O autor ressalta porém, que essa aproximação histórica do Caribe e América Latina não tem sido suficiente para integrar as regiões e o que se manteve foi um certo isolamento entre ambas, com aproximações pontuais mas não satisfatórias pelo elo pautado desde o passado através do comércio Atlântico,

El papel histórico del Caribe en America se há sobrepuesto al resquebramiento y a la dispersión del arco antillano. Se afina en la identificación plena de esa área, con los problemas y anhelos de los pueblos latino-americanos. Sin embargo, el Caribe no há logrado vencer su aislamiento en relación con Latinoamérica. Dicha insularidad, más que un fenómeno natural, viene a ser un hecho histórico, inseparable del fenómeno colonial. En efecto, la polarización de las identidades caribenhas y latinoamericanas del hombre de la calle, hasta latinoamericanas hacia esferas diferentes de dominación colonial e imperialista há implicado la imposición de moldes económicos y socioculturales diversos, dificultando así mismo la comunicación entre ambos conjuntos. De ahí este distanciamiento y desconocimiento recíproco próprio de las relaciones entre uno y otro, fenómeno cuyo alcance resulta y el cual abarca desde la percepción comum del hombre de la calle, hasta la preocupación del científico social, con vistas a lograr una visión completa de la realidad caribenha y continental”. (PIERRE CHARLES, 1980, p. 16)

Em consonância com o pensamento de Pierre Charles vários especialistas caribenhos identificam nas relações culturais entre o Caribe e América os aportes necessários para, a partir de sua historicidade compreender, como disse Edouard Glissant (1997), a forma como a poética das relações foram sendo construídas. A cultura é o campo que melhor explicita os eixos dessa conexão.

Outro caribenho, o escritor Antônio Benítez Rojo em seu texto *El Caribe y la conexión afro-atlántica* ao analisar as relações afro e porque não dizer afros em relação a outros grupos étnicos, e ao mesmo tempo as conexões resultantes dela no próprio Caribe, enfatiza a complexidade e a riqueza de uma época em que o trânsito motivado principalmente pela mobilidade, estabeleceu entre as culturas. Ele cita Duncan Watts para explicar o conceito de conexão como essencial para se entender a dinâmica proporcionada e vivenciada no Caribe, e do Caribe com o continente latino-americano,

Si este período particular de la historia de la humanidad tuviera que ser caracterizado de manera sencilla, podría ser como uno en que el mundo está conectado más intensamente, más globalmente y a la vez más inesperadamente que en cualquier época del pasado. Y si esta época, que llamo la ‘época conectada’, debe ser comprendida, debemos aprender primero a como describirla científicamente; esto es, necesitamos una ciencia que estudie las redes de conexiones (WATTS, 2002, 13-14, apud BENITEZ-ROJO, 2004, p.13).

Estudar as conexões a partir de uma perspectiva interdisciplinar é fundamental para uma análise mais profunda da sua dinâmica cultural, sejam elas motivadas pelas migrações,

pela economia ou por laços afetivos.

O foco de interesse na cultura (BHABHA, 1994; HALL, 2003), para se entender os fluxos migratórios, está no movimento, na dinâmica, nas mudanças e suas conexões; entendendo-a como um elemento em transformação. Neste sentido, o Caribe como cultura de migrações forçadas e voluntárias, como sociedades fronteiriças que se criam e recriam tanto em seu marco geográfico como fora dele, se mostra como uma região próxima, ou semelhante a alguns processos que também acontecem na Amazônia. O que pode ocorrer nesses contextos de relações de diferença racial, religiosa, étnica, linguística, social, “os embates de fronteira acerca da diferença cultural tem tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso” (BHABHA, 1994, p.21).

Quando nos referimos por isso às fronteiras caribenhas não se trata de um estudo a partir da geopolítica e do peso dos interesses estratégicos das metrópoles em relação a este espaço geográfico, mas nos referimos a situação colonial múltipla (ZAVALA, 1994), mesmo quando o próprio nome aglutinador do espaço geográfico procede destes interesses. Apesar de sua origem imperial, de objetividade colonizadora, a denominação Caribe foi também usada pelos próprios movimentos de libertação, gerando assim um novo significado ao termo, alusivo às lutas de seu povo e à resistência contra o imperialismo. O nome reúne as Antilhas, as West Indies (incluindo todas as ilhas, também as Bermudas e Bahamas e até as regiões continentais de Belize e as Guianas) a América Central e o Panamá. O conceito Caribe se torna mais complexo com as incorporações do México, Colômbia, Venezuela e Brasil (GAZTAMBIDE, 1996).

Foram principalmente as interpretações homogeneizadoras, que sob a pressão metodológica, se apoiaram nas estruturas econômicas ou/e sociais e fizeram derivar a unidade do Caribe da plantação. Em época mais recente em uma orientação mais cultural acrescentaram a esta a presença majoritária do negro, “a América das plantações ou afro-américa que inclui o sul dos Estados Unidos, o Caribe insular, Brasil e todos aqueles lugares onde prevaleceu a plantação como organização socioeconômica predominante” (WAGLEY, 1960). Outras interpretações mais atuais consideram o Caribe “entre o sul dos Estados Unidos e o norte do Brasil” (GAZTAMBIDE, 1996, p.92). O norte e até mesmo o nordeste do Brasil é incorporado nessa definição pela herança cultural que procede dos negros e da cultura das plantações, destas derivam a religiosidade, a língua e a música que expressam elementos dissonantes da cultura dominante e que podem ser vistas em todas as regiões onde o negro esteve presente e também a plantação.

O Brasil cultural caribenho segundo alguns especialistas compreende a região do norte e nordeste do Brasil que desde épocas remotas, foi um dos focos irradiadores de populações

até o Caribe insular (GAZTAMBIDE, 2000). No entanto, a ideia de uma Amazônia caribenha, definida por uma hipotética ilha ligando os países: Brasil, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Venezuela é recente (OLIVEIRA, 2011). Os numerosos rios transversais que uniam as “cuencas” do Amazonas e o Orinoco faziam relativamente fáceis as viagens das pequenas embarcações. O comércio que transitava pela região, especialmente nas fronteiras dos países vizinhos à Amazônia e que também são ligados ao Caribe, atendiam tanto ao mercado oficial como ao ilegal, ampliando o espaço de ação do comércio na região. As relações comerciais entre a Amazônia venezuelana e as cidades de Manaus e Belém “realizavam-se pelos meios tradicionais de transporte. Segundo Wallace, nos povoados de San Carlos, Turiquin, San Miguel, Tomo e Maroa – habitados quase que exclusivamente por índios construtores de canoas – confeccionava-se as embarcações e a farinha que, juntamente com a piaçaba, eram exportadas para o Brasil” (WALLACE, 1979, p. 129-151)

Mesmo que essas múltiplas relações entre as regiões norte e nordeste do Brasil com o Caribe não tivessem cessado nem quando a tecnologia encurtou as distâncias, existia uma visibilidade sobre a condição caribenha desta ampla região do Brasil. Os povos da mesma permaneceram com grande autonomia e descaso de seus governos que nunca puderam controlar este enorme país de dimensão continental. Assim foi-se desenvolvendo a cultura de relações entre etnias, raças e grupos diferentes que provocaram resultados inesperados, a chamada “surpresa” caribenha.

A partir dos “anos 40 do século XX, o chamado de Vargas de ‘Marcha para o Oeste’ pretendeu de alguma maneira fortalecer, mediante uma centralização mais eficiente do ponto de vista estratégico, o estado nacional brasileiro” (CABRERA, 2002). A ideia era precisamente estabelecer os vínculos com o Brasil das sociedades autóctones formadas através de séculos de convivência com os países caribenhos fronteiriços: Venezuela, Colômbia, Guyana, Suriname e Guiana Francesa. Porém, mesmo hoje é mais fácil para o Caribe a comunicação com estas sociedades das fronteiras brasileiras do que com as grandes metrópoles europeias, e seus respectivos estados nacionais.

Na fase áurea do ciclo da borracha aportaram na Amazônia trabalhadores negros, originários de diversas ilhas Caribenhas, como: Barbados, Trinidad, Jamaica, Santa Lúcia, Martinica, São Vicente, Guianas, Granada entre outras de colonização inglesa, para trabalharem na ferrovia Madeira-Mamoré e nas firmas inglesas instaladas na região (LIMA, 2006). Esses trabalhadores recebiam a denominação homogeneizadora de “barbadianos”, identificando-os a um único grupo nacional. O fato de falarem inglês e serem anglicanos se constituiu, em um traço peculiar e integrador na identificação dos imigrantes caribenhos pela população local e também por ser um traço identitário de maior projeção entre os próprios imigrantes.

O incentivo à imigração para o Amazonas na segunda metade do século XIX transcorria dentro da política vigente para outras regiões do país, priorizavam primeiramente imigrantes

européus. Outros grupos étnicos eram contratados mediante a falta de imigrantes chamados “desejáveis”. Os estudos sobre a migração de trabalhadores caribenhos² para a grande Amazônia necessitam de maior aprofundamento sobre as formas de contratação, recrutamento e relação trabalhador/empresa, outro aspecto importante é a transculturação vivenciada por eles no contexto do trabalho e a sua construção identitária mediada pelas empresas contratantes que estabeleciam o cotidiano vivenciado pelos imigrantes no âmbito das atividades diárias.

As pesquisas realizadas sobre esses imigrantes apontam que os caribenhos³, instalaram-se em Belém, Manaus, Porto Velho.

A navegação a vapor avançava, ou melhor, os navios, sobretudo estrangeiros, avançavam sobre a região, transportando pessoas, mercadorias, idéias, ou “pessoasmercadoria”, através do Porto de Belém, que demarcava a entrada para os demais “rincões” da Amazônia. Ao lado dos interesses de Estado, estavam os interesses de particulares, através de diversas firmas. Dentre os projetos implementados com vistas ao desenvolvimento, sobretudo econômico, da região, também se viabilizava o da implantação das ferrovias. E a história, ou a grande aventura, da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, neste sentido, tem muito para nos contar sobre a experiência dos trabalhadores na região (Lima, 2006, p.15).

Nos fins do século XIX e começos do século XX,

Houve interessante movimento migratório: negros barbadianos, isto é, originários da colônia inglesa de Barbados, imigraram sobretudo para Belém, onde ainda há remanescentes. Esses negros, ostentando nomes anglo-saxônicos e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, magistério, economia, etc., são geralmente industriais. Não foram ainda estudados devidamente. E certos cronistas como Raimundo Morais, a eles se referiram com lamentável desprezo (SALLES, 1979, p. 59 apud LIMA).

Roseane Lima ressalta em seu trabalho que a experiência vivenciada pelos “barbadianos” na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré era o que se poderia considerar de “situação limite”, pelas condições de trabalho, a tensão promovida pela vivência diária em um ambiente a ser desbravado, as doenças como a malária que colocavam a vida dos trabalhadores em risco, faziam do trabalho e do cotidiano na floresta um quadro incomum onde as relações eram mediadas pelos administradores da empresa (LIMA, 2006, p.16).

Os haitianos: viver no Brasil

A temática das migrações tem sido abordada a partir de diferentes enfoques teórico-metodológicos e numa perspectiva interdisciplinar, o que não constitui um problema, mas uma riqueza, pois como um fato social total (SAYAD, 2000), ela põe em movimento as sociedades

2 Sobre a contratação de “barbadianos”, denominação dada a trabalhadores originários de Barbados, Santa Lúcia, Jamaica e outras ilhas do caribe anglofona ver os trabalhos de Maria Roseane Corrêa Pinto Lima: *Barbadianos Negros e Estrangeiros- Trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX*, tese de doutorado, UFF, Niterói, 2013; *Ingleses pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém séculos XX e XXI)*, dissertação de mestrado, UFPA, Belém, 2006.

3 Neste caso utilizamos o termo caribenhos e não antilhanos para dar ênfase à região geográfica.

de origem e destino, os Estados Nacionais, os imigrantes/emigrantes e grupos com diferentes interesses.

O novo contexto mundial imprime uma nova dinâmica nos processos migratórios, forjando novos fluxos, novas relações de trabalho e culturais. O fato do Brasil ser escolhido como destino pelos haitianos, prefigura em termos políticos a ampliação do papel do Brasil nas suas relações exteriores como país que tem expandido sua influência no contexto internacional e no caso específico do Haiti, está a sua atuação junto a ONU, como um dos países membros que atuam no processo de “(re) construção” do país.

Mediante essa presença militar no Haiti, o Brasil imprimiu na população haitiana um imaginário de prosperidade e de possibilidades que antes eram assimilados em relação a outros países como Estados Unidos e Canadá. A presença também de Ongs (Viva Rio), e da igreja (Católica e Protestante) atuam como intermediadores culturais na construção desse imaginário, fazendo do Brasil um lugar possível para um novo começo. As experiências e as memórias se entrecruzam construindo novos espaços de interlocução através desses agentes.

Este estudo no que tange ao propósito de reconstruir o percurso migratório dos haitianos para o Brasil, suas motivações, trajetos, mobilidades internas, reconstruindo a trajetória migratória e seus contatos com o Haiti, no âmbito mais específico baseou-se nas ações impetradas pelo governo brasileiro no atendimento aos imigrantes haitianos que chegaram ao Amazonas; recorrendo às entidades e as suas ações no atendimento aos imigrantes.

Partimos das hipóteses de que consideram a migração como parte do processo de reprodução do capital e como estratégia de resistência das populações subalternas nos países emissores. Daí a aceitação do conceito subalternidade no sentido utilizado pela historiografia pós-colonial como coloca Guha (2000).

A ação da migração destas populações está inserida em uma cultura construída frente às opressões dos grupos dominantes nos países emissores e atualmente pelas condições emergenciais ocasionadas por fatores climáticos. Este conceito conjugado com o de fronteira permite um diálogo mais frutífero com a dimensão empírica. O processo da inserção destas populações subalternas de trabalhadores, qualificados e não qualificados, pode ser analisada na visão dos diversos autores que têm chamado a atenção para as fronteiras transnacionais em uma definição permeada pelos fenômenos de reinserção cultural. Estes autores definem as fronteiras como espaços não contíguos e tempos simultâneos onde transcorrem fenômenos de permanência e recriação nas relações entre populações marginalizadas de diferentes etnias, culturas, raças etc. As fronteiras simbólicas permitem analisarmos o sistema de migração no seu conjunto, relacionando tanto os sujeitos que migram quanto os que os recebem.

As forças de Paz da ONU e a presença do Brasil no Haiti

No contexto Amazônico, a temática sobre a imigração haitiana tem sido abordada de forma preliminar, a partir de diferentes enfoques⁴. Houve desde a chegada deles no Brasil um interesse crescente dos pesquisadores por esse fenômeno, podendo a migração ter uma continuidade ou não, já que a situação socioeconômica do Haiti não teve mudanças significativas desde o terremoto que assolou aquele país em 2010⁵. Nesse contexto de falta de perspectivas, onde mais de 400 mil pessoas foram atingidas diretamente, a emigração tornou-se uma saída para essa população que em busca de melhores condições de vida viram no Brasil a possibilidade de uma nova perspectiva para recomeçar. A presença da ONU no Haiti se deu segundo a justificativa da instabilidade ocasionada pela deposição do cargo de presidente de Jean Bertrand Aristide. No dia 29 de fevereiro de 2004, o Conselho de Segurança da ONU a pedido do presidente Boniface Alexandre, sucessor de Aristide, autorizava através da Resolução 1559, o envio ao Haiti de uma força de ajuda multinacional (PIERRE CHARLES, 2004). Boniface Alexandre temia as manifestações ocasionadas pela população revoltada com a deposição de Jean Bertrand Aristide; as imagens veiculadas pela TV promoviam a ideia de instabilidade e de descontrole (PIERRE-CHARLES, 2004). A decisão adotada pelo órgão internacional, segundo relata Gerard Pierre Charles, “parecia corresponder al reconocimiento del ‘derecho de injerencia’ preconizado desde algunos años por ciertos Estados como próprio para enfrentar situaciones excepcionales de crisis y de incapacidad de assumir el poder o de enfrentar un conflicto agudo por parte del Estado. Correspondía a lo que parecia ser una situación susceptible de desembocar en el caos o en una guerra civil” (Ibidem, p. 6). A intervenção foi uma forma e intenção do governo haitiano de controlar principalmente os movimentos sociais pró-Aristides, inconformes com a sua saída do poder.

A situação política e social do Haiti sob a tutela das Forças de Paz é criticada por lideranças do movimento social e por intelectuais. Por ocasião da realização do 10º CONCUR (Congresso da Cut) realizado em 2009, o secretário geral da Central Autônoma dos Trabalhadores do Haiti, Louis Fignolé Saint-Cyr e o secretário geral da Confederação dos Trabalhadores do Haiti, Raphael Dukens falaram na ocasião sobre o significado da presença da MINUSTAH no país:

Cut: Depois da invasão das tropas brasileiras no Haiti qual é o quadro geral do país? A situação está melhor ou pior?

Raphael Dukens: Há um aumento do problema da segurança principalmente. Mas isso é resultado das medidas do governo atual que liquidaram todo o sistema público com privatizações e com políticas neoliberais.

Cut: Fale um pouco da Minustah. Qual é o papel da Minustah no Haiti?

Raphael Dukens: Esta é uma iniciativa da França, dos Estados Unidos e do Canadá.

4 Ver: COSTA, Pe. Gelmino A. Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!. Travessia – Revista do Migrante, no 70, São Paulo, 2012; CONTIGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. Travessia – Revista do Migrante, no 70, São Paulo, 2012.

5

Instituído desde 2004 e é um plano implantado no Haiti encabeçado pelo governo do presidente Lula, que enviou tropas em nome das Nações Unidas. Mas eles estão reprimindo tudo que nós exigimos, não toleram nenhuma atitude democrática e progressista ou movimentos que exigem o fim da Minustah e sua volta imediata ao Brasil. Isso é contraditório, porque o Brasil não tem uma história de conquistador, de promover guerras, e é isso que está sendo feito em nosso país.

Cut: O argumento apresentado pela grande mídia brasileira é de que a ocupação é necessária porque há gangues armadas nos bairros do Haiti. Qual a verdade?

Raphael Dukens: A imprensa brasileira passa essas informações sem conhecer os fatos. Nós convidamos a imprensa brasileira para ir ao Haiti e se juntar ao Comitê Internacional de Investigação para ir lá e verificar se há grupos armados. Isso não existe. Nenhuma parte do mundo conta com condições totais de segurança e isso vem sendo utilizado para justificar a ocupação.

Cut: Vocês apresentam, inclusive, números sobre a violência que são menores que no Brasil.

Louis Fignolé: são menores que no Brasil. Nós apresentamos números sobre a criminalidade no Brasil que são de 22% e em nosso país é de 5%. Em uma população de oito milhões e 80% não tem emprego não tem como existir segurança. Enquanto o atual governo do Haiti continuar com sua política entreguista e com a ocupação do Haiti pelos Estados Unidos e pelo Canadá será difícil mudar esse quadro de agitação social que a Minustah encabeça. O Haiti é um país pacífico⁶.

A posição dos líderes sindicais Raphael Dukens e Louis Fignolé de que a ocupação inibe iniciativas em prol da democratização do país é endossada pelo sociólogo Jean Anil Louis Juste, que em sua tese intitulada *Internacional Comunitária: ONGs chamadas alternativas e Projeto de livre individualidade*, defendida em 2007 no Progradama de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, destacou que a presença das Ongs no país endossa uma rede que pela prerrogativa de ajuda humanitária impossibilita a organização social dos movimentos populares e sociedade civil em geral, sustentando o discurso e as ações de intervenção a partir de uma pseudo solidariedade promovida pela internacional comunitária.

Desde 2004 o Brasil integra o Corpo de Paz da ONU, sendo o país responsável por orientar as ações desta entidade no Haiti. As discussões apresentadas pelo parlamento brasileiro sobre a importância do Brasil participar ou não desta missão pode ser analisada nos discursos proferidos pelos parlamentares através do Jornal do Congresso. A presença dos soldados brasileiros e suas ações aplicadas no cotidiano dos haitianos, sejam relativas à segurança, saúde, pode ter criado vínculos de amizade, afetividade, empatia, sendo projetadas para o país.

O fenômeno da imigração haitiana para o Brasil enseja várias interrogações, bem como diferentes perspectivas de explicação. À primeira vista, as explicações econômicas parecem dar conta de compreender a saída dos haitianos em consequência de questões estruturais. Além dos problemas econômicos acrescentam-se os de ordem política e ecológica, pois o país tem sofrido diferentes desastres ambientais, como furacões e terremotos. Entretanto, é preciso ir além de questões meramente estruturais para entendermos as especificidades do fenômeno das migrações no mundo contemporâneo, que inclui imigrantes qualificados e pouco qualificados, documentados e não documentados, políticas de legalização ou de

6 CUT no Haiti. Disponível em www.cut.org.br/imprimir/news. Acessado em: 14/11/2013

restrições, refugiados políticos e ambientais, homens, mulheres e crianças em busca de dias melhores, ainda que para isso tenham que arriscar a própria vida e endividar-se para tentar realizar seus sonhos. Com o crescente controle da entrada de imigrantes nos países centrais e a sua xenofobização, a busca de outras alternativas, de rotas passa a ser uma questão de tempo. E o Brasil passou a ser uma dessas possibilidades em razão das notícias de crescimento econômico e da demanda de mão de obra para as grandes obras de infraestrutura, hipóteses que se apresentaram decorrentes do contato com os soldados brasileiros da missão, assim como, com os religiosos e Ongs brasileiras já citadas. A ong Viva Rio é um exemplo, pois está no Haiti desde 2008 desenvolvendo diversas atividades junto à comunidade, como demonstram os documentos disponibilizados pela instituição.

Do Haiti para o Brasil: o Outro, o Eu e as Relações

O terremoto em janeiro de 2010 provocou uma reviravolta na realidade haitiana, atingindo o país de uma forma profunda. Ao contrário dos trabalhadores caribenhos que aportaram na selva Amazônica, destinados ao trabalho na estrada de ferro Madeira-Mamoré, os haitianos chegaram ao país solicitando a condição de “refugiados”, embora essa categoria não tenha sido considerada pelo CONARE, órgão que cuida da situação dos refugiados no Brasil, para tratar da situação dos haitianos, como sendo adequada para a situação específicas dos haitianos. Não encontrando base legal para conceder-lhes o estatuto de refugiado, pois, segundo o CONARE, no Haiti não havia perseguições políticas, religiosas ou raciais que justificasse o visto, buscou-se uma nova forma de auxiliar os imigrantes permitida pela legislação brasileira. Os pedidos foram encaminhados ao Conselho Nacional de Imigração (CNIG), que encontrou uma saída, concedendo-lhes um visto humanitário. Segundo o presidente do CNIG, Paulo Sergio de Almeida, até maio de 2012 haviam sido concedidos 3.100 vistos e cerca de 5 mil carteiras de trabalho, nos três anos seguintes esse número subiu para cerca de dez mil.

O trajeto de grande parte dos haitianos seguiu a rota via República Dominicana, passando pelo Panamá, Equador, Peru e Brasil, entrando por Tabatinga (AM) ou Brasiléia (AC). Segundo Henrique Corinto, Secretário Adjunto de Direitos Humanos no Acre, “constitucionalmente o Brasil é um país de fronteiras abertas, não fecha as portas, ou nega abrigo para nenhuma nação. Por isso, eles chegam de forma ilegal, mas não são expulsos e conseguem a documentação para trabalho no Brasil” (Agência Notícias do Acre, 05/01/2012).

Chegando em Brasiléia ou em Tabatinga, o primeiro passo para os imigrantes era apresentar-se a um posto da Polícia Federal para dar início ao processo de documentação, que levava em média 45 dias para ficar pronto. Do Haiti para o Acre é uma longa viagem,

Os haitianos deixam Porto Príncipe, capital do país, passam pela República Dominicana, Panamá, Equador e desembarcam em Lima, no Peru. De lá o roteiro feito até então de avião segue por terra até a cidade de Puerto Maldonado, distante cerca de três horas de carro do município acreano de Brasília, onde eles se refugiam” (Agência Notícias do Acre, 05/01/2012)

Se até recentemente o Brasil não fazia parte da rota de emigração dos haitianos, por que o país passou a sê-lo? Por que a Amazônia passou a ser a principal porta de entrada deles? A solicitação da condição de “refugiados” no primeiro ano de fluxo migratório para o Brasil não seria uma estratégia construída por eles, já que na condição de imigrantes laborais pouco qualificados, a autorização para entrar no Brasil seria facilmente negada pelas autoridades brasileiras ainda no país de origem?

Dados levantados sobre os haitianos em Manaus e Tabatinga por Silva (2012) e Fabiane Vinente membros do Grupo de Estudos sobre Migração no Amazonas (GEMA), foram recolhidos através da aplicação de questionários com variáveis relativas à educação, atividades trabalhistas e composição familiar. No caso de Manaus, os questionários foram aplicados pela Pastoral do Migrante como forma de identificação de quem chegava e os mesmos foram emprestados aos pesquisadores para que pudessem traçar um perfil dos imigrantes. Os dados apontam que os primeiros grupos que chegaram eram em geral jovens, do sexo masculino, com idade média dentro de uma faixa etária que vai dos 25 aos 35 anos⁷.

A maioria se declarou solteira, contudo, mesmo entre aqueles que se declaram solteiros, há casos de homens que afirmam ter filhos ou que conviveram com alguma companheira no Haiti. Aliás, vale notar que a presença de mulheres e de crianças era escassa, pelo menos no primeiro ano de chegada deles, fato que começou a mudar com a chegada de alguns grupos familiares completos. Com relação ao nível de escolaridade, cerca de 55% apresenta um nível de formação que corresponde ao ensino básico e médio no Brasil, muitos ainda de forma incompleta. Considerando o alto índice de analfabetismo no Haiti, 38% entre a população acima de quinze anos (GODOY, 2011), há casos também daqueles que se declararam iletrados. Contudo, há entre eles um expressivo número que afirmam ter cursos técnicos, cerca de 30%, oferecidos, inclusive, por instituições internacionais, como por exemplo, a UNICEF que preparou agentes para combater o cólera. Outros afirmaram terem feito tais cursos na República Dominicana, onde permaneceram temporariamente para trabalhar ou de forma definitiva. Poucos são os casos que apresentam um nível compatível com o ensino superior no Brasil, aproximadamente 20%, muitos deles ainda inconclusos. Em geral relatam que no Haiti trabalhavam no comércio, construção civil, agricultura, ensino, transporte, atividades informais ou empregos temporários em alguma organização não governamental (ONGs).

Do ponto de vista da origem é possível visualizar alguns locais de partida mais expressivos como a capital Port-au-Prince, o Porto de Gonaives, Cap-Haitien, Jacmel,

7 Num survey realizado por Alex Stepick e Alejandro Portes entre os haitianos na Florida, a idade média encontrada pelos autores foi de 29 anos (Stepick & Portes, 1986, pg. 332).

Ganthier, Léogane, Port-Pax, entre outras com menor número de imigrantes. Isto revela que eles são oriundos das mais diferentes regiões do país e não somente da capital, cidade mais atingida pelo terremoto. Outros saíram diretamente da República Dominicana, onde já viviam por vários anos ou migravam temporariamente para trabalhar (SILVA, 2012, p.305).

Transcorridos dois anos da presença deles no Amazonas, a maior parte migrou para outras regiões do Brasil, como o Sudeste e o Sul, em busca de melhores condições de vida e trabalho. Outra parte permaneceu na capital amazonense, inseridos em alguns setores do mercado de trabalho, como a construção civil, indústria, comércio e prestação de serviços em geral. Frente a este cenário de transição e inserção na realidade brasileira, algumas questões ainda permanecem sem respostas, dado o caráter recente deste novo fluxo migratório no cenário brasileiro. Entre elas destacamos as estratégias utilizadas por eles para se organizarem enquanto grupo frente aos desafios encontrados em diferentes contextos. A dispersão deles por várias cidades do Sudeste e Sul, não seria um elemento que dificultaria a organização dos mesmos enquanto um possível “grupo étnico”, a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos ou em outros países onde eles já se fazem presentes durante décadas. Ainda na perspectiva da inserção sociocultural, vale lembrar os recortes de gênero como um ponto importante de análise, já que a presença feminina aumentou durante os fluxos migratórios nos anos de 2012, 2013 e 2014. Nesse sentido cabe entender o protagonismo feminino na organização da rede migratória e seu papel no projeto de migrar, uma vez que se trata de seleção feita em família, escolhendo o indivíduo capaz de levar o projeto como meta. O processo de “racialização” dessa força de trabalho, foi constatado por Mello Rosa (2010) na República Dominicana. No Brasil os casos de racialização não se evidenciaram, mas estavam presentes nos discursos proferidos através principalmente dos jornais. Os imigrantes haitianos, recém-saídos de uma catástrofe, são assimilados como vítimas e nessa condição qualquer trabalho deve ser aceito como condição de subalternização à lógica de necessidade pensada pelo outro. Mas essa lógica nem sempre é assimilada pelo haitiano, que busca trabalhos que ofereçam melhores salários e reivindicam seus direitos, surpreendendo muitas vezes o patrão não preparado para essa “rebeldia” da parte de um estrangeiro recém-chegado.

REFERÊNCIAS

- APTER, A. An African origins: creolization and connaissance in Haitian vodou. *American Ethnologist*, 29(2): 233-260, 2002.
- ARAGÓN, Luis. Migração Internacional na Pan-Amazônia: o que dizem os censos. In: Silva, Sidney (org). *Migrações na Pan-Amazônia. Fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.
- BABHA, Homi. *O local da Cultura*. Londres: Routledge, 1994.
- BATISTA, Djalma. *Amazônia: Cultura e Sociedade*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- BENÍTEZ-ROJO, Antonio. El Caribe y la conexión afro-atlántica. In: CABRERA, Olga; ALMEIDA, Jaime (Orgs). *Caribe: sintonias e dissonâncias*. Goiânia: Ed. CECAB, 2004.
- BLACKMAN, Cledenice. Os imigrantes antilhanos de Porto Velho. In: CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J.C.; NADER, M. B. (Org.) Anais eletrônicos do III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho: territórios, poderes, identidades (Territoires pouvoirs, identités). Vitória: GM Editora, 2011, p. 1-12.
- BRODWIN, P. Pentecostalism in translation: religion and the production of community in the Haitian diaspora. *American Ethnologist*, 30(1): 85-101, 2003.
- CABRERA, Olga. Identidades em transito culturas de migração In Maria Theresa Cortes Zavala, Olga Cabrera (orgs.) *Región / frontera y prácticas culturales em La historia de America Latina y El Caribe*. Morelia, Goiania: Universidad Michoacana de San Nicolas de Hidalgo y CECAB, 2002.
- CAFFEU, A. P; CITTI, D. “Só viajar! Haitianos em São Paulo: um primeiro e vago olhar” In *TRAVESSIA*, n. 70, jan/junho, 2012, p. 107-113.
- CARBALLO, M., e Nerukar, A. (2001), “Migration, refugees, and health risks”, *Emerging Infectious Diseases*, 7 (3), p. 556-560.
- CARPENTIER, Alejo. *La cultura em Cuba y em el mundo*. Instituto Cubano Del Libro: La Habana, 2003.
- _____. *O século das luzes*. São Paulo: Global, 1985.
- CESAIRE, Aimé. En guise de manifeste littéraire. *Tropicque*, Fort-de-France n.5 p. 7-12, avril, 1942.
- CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la criolité*. Paris: Gallimard, 1990.
- CHAUNU, Pierre *Conquista y explotación de los nuevos mundos*, Editorial Labor, Barcelona, 1973.
- CONTUGUIBA, G. C.; PIMENTEL, M.L. “Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho”. In *TRAVESSIA*, n. 70, jan/junho, 2012, p. 99-106.
- DALMASO, F. F. *A magia em Jacmel: uma leitura crítica da literatura sobre vodu haitiano à luz de uma experiência etnográfica*. Mestrado em Antropologia Social, Museu nacional, 2009.
- DAYAN, Joan. *Haiti, History, and the Gods* (Introduction). Berkeley: University of California press.
- DE CERTAU, Michel. *A cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- DUPUY, A. From Jean-Bertrand Aristide to general Latortue: the unending crisis of democratization in Haiti. *Journal of Latin American Anthropology*. 10(1), pp. 186-205, 2005.
- FERGUSON, J. *Migration in the Caribbean: Haiti, the Dominican Republic and beyond*. Minority Rights Group International, 2003.
- GAMMAGE, S. Exercising exit, voice and loyalty: a gender perspective on transnationalism in Haiti. *Development and Change* 35(4): 743-771, 2004.
- GAZTAMBIDE, Antonio. *Identidades*

internacionales y cooperación regional en el Caribe. In: Revista Mexicana del Caribe, n. 09, v.V, año 2000.

GLICK SCHILLER, N. Ethic groups are made, not born: the Haitian immigrant and American politics. In: HICKS, G. & LEIS, P.E. (eds). *Ethnic encounters*. North Scituate, Mass.: Duxbury Press, 1977

GLISSANT, Edouard. *El discurso antillano*. Fondo Editorial Casa de las Américas: La Habana, 2010.

GREENFIELD, S. M. *Barbadian in the Brazilian Amazon*. In *Luso-Brazilian Review*, V. 20, 1, 1983: 44-64.

GUHA, Radinjit. *La muerte de Chandra*, *História y Grafía*. Universidad Metropolitana, México, DF, 2000.

HANDERSON, J. *Religiosidade afrodiaspórica como elemento constitutivo do Estado-Nação*. *Identidade*, São Leopoldo 16 (2), jul-dez, 2011.

HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAMES, E.C. Haiti, insecurity, and the politics of asylum. *Medical Anthropology Quarterly*, 25(3), pp. 357-376.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. *Ingleses pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos? Identidades e memórias – Belém sec. XX e XIX*. (Dissertação), UFPA. Belém, 2006.

LIMA, Marcos Costa; ZÁRATE BOTÍA, Carlos Gilberto; LYRA JÚNIOR, Américo. *Governabilidade e fronteira: os desafios amazônicos*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

MARTIN, P.; MIDGLEY, E. e TEITELBAUM, M. *Migration and development: whiter the Dominican Republic and Haiti?* Center for Migration Studies of New York. *International Migration Review*, 36(2), summer 2002.

MELLO ROSA, Renata de. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na república dominicana.

In: *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 99-112, jan./jun. 2010.

MENEZES, Nilza. Gênero e religiosidade na comunidade caribenha de Rondônia. *Revista Mandrágora*, n. 16, vol. 16, 2010

MINTZ, Sidney, *Caribbean Transformations*, Baltimore University Press, 1984.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *Os holandeses na Amazônia Caribenha Colonial: dos Caminhos Históricos aos processos das Relações Internacionais*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

ORTIZ, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la “transculturación” y de su importancia en Cuba.

PATARRA, Neide Lopes. O Brasil: país de imigração?. In: *Revista E-metropolis*, no. 9, ano 3, junho de 2012.

POTTER, Amy E. Voodoo, Zombies, and mermaids: U.S. newspaper coverage of Haiti. *The Geographical Review*, 99(2): 208-230, Apr. 2009.

ROCHA REIS, Rossa. A política do Brasil para as migrações internacionais. *Contexto Internacional*, vol. 33, no 1, jan-jun, 2011, p. 47-69

RICHMAN, Karen. A more powerful sorcerer: conversion, capital, and Haitian transnational migration. *New West Indian Guide*. 82 (1-2), 2008.

RODRIGUES, L.C. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Doutorado em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ROSA, Renata de Melo. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana. In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/Centro Scalabrino de Estudos Migratórios* – v. 18, n. 34.

Brasília: REMHU, 2006, p. 99-112.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade [Immigration or the paradoxes of alterity]. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHILLER, N. G.; BARCH, L. E BLANC, C.S. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. *Anthropological Quarterly*, 68(1), jan. 1995.

SCHILLER, Nina. A global perspective on transnational migration. In: Rainer Bauböck & Thomas Faist (eds.). *Diaspora and transnationalism: concepts, theories and methods*. Amsterdam: Amsterdam University Press; Imiscoe Research.

SEYFERTH, Giralda. “Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil”. In: CASTRO, Mary G. (org.). *Migrações internacionais, contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001, P. 137-50.

SILVA, S. A. “Aquí começa o Brasil” Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus”. In: *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. SILVA, S. A. (Org.) São Paulo, Hucitec/FAPEAM, 2012, p. 300-322.

_____. (Org.). *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: EDUA, 2010.

SOUZA MARTIS, José de. *A chegada do estrangeiro*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SPRANDEL, M. e PATARRA, N. Projeto: perfis migratórios. Brasil. Texto preliminar/OIM. Brasília: 2009 (mimeo)

STEPICK, Alex. *Pride against prejudice: Haitians in the United States*. Boston: Ally and Bacon, 1998.

THOMAZ, Omar R. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. *Novos Estudos CEBRAP*, 86. Mar, 2010.

THOMPSON, Paul. *História Oral e contemporaneidade*. In: Revista História Oral, 5, 2002, p. 9-28.

VON GRAFENSTEIN, Johanna. Haiti. D.F. México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 1988.

WALLACE, Alfred Russel: *viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo, 1979, p. 129-151 apud Carvalho, Valéria Nely César de. Soberania e confronto na Fronteira Amazonense, 1850-1910